

HABITAR LA FORA: OCIO E EXPERIENCIA GEOGRAFICA DE CRIANÇAS AO AR LIVRE

Inhabit out there: idleness and geographical experience of children out of doors

Leandro Vieira¹

RESUMO

Desde a descoberta da gravidez da esposa, da chegada da filha e, conseqüentemente, a do nascimento de um pai, no caso, eu, me interessei e dediquei meu tempo para estudar a criança através de uma perspectiva geográfica. Assim, nesse trabalho, descrevi as experiências geográficas de crianças ao ar livre com base no emaranhado fenomenológico de Dardel e Ingold. Observando, participando, interagindo e comunicando as vivências das crianças ocorridas em espaços ao ar livre na cidade de Salvador, construí uma poético-análise, baseada nos pressupostos de Bachelard, situando as experiências geográficas de crianças e sua ressonância em mim. Ao ar livre, uma geografia sensível, íntima e fértil se revelou diante do espanto, maravilhamento e da imaginação do encontro com o espaço.

Palavras-chave: Criança. Ar livre. Experiência geográfica.

ABSTRACT

From the discovery of the wife's pregnancy, the arrival of the daughter and consequently the birth of a father, in this case, me, I became interested and dedicated my time to study the child through a geographical perspective. Thus, in this work, I described the children geographical experiences of out of doors based on the phenomenological entanglement of Dardel (2011) and Ingold (2015). Observing, participating, interacting and interpreting the experiences of children out of doors spaces in the city of Salvador, I constructed a poetic analysis based on the presuppositions of Bachelard (1988), situating the geographical experiences of children and their resonance in me. In out of doors, a sensitive, intimate and fertile geography revealed in the face of astonishment, wonder and imagination of the encounter with space.

Key-words: Child. Out of doors. Geographical experience.

¹ Doutorando do Programa de Pós Graduação em Geografia (POSGEO) da Universidade Federal da Bahia (UFBA). leopessoa.ba@gmail.com.

✉ Rua das Gaivotas, n.596, Casa 3A, Imbuí, Salvador, BA. 41.720-070.



INTRODUÇÃO

Uma conversa, em meio a algumas árvores urbanas, Ferdinando², criança de 5 anos me diz que quer ir morar na floresta. Pergunto por qual motivo esse desejo pulsa em seu corpo. Me responde que não quer obedecer a ninguém. Espero obter uma resposta sobre sua vontade de mostrar desobediência a seu pai ou sua mãe, mas Ferdinando me espanta ao afirmar que a autoridade à qual ele não quer se submeter é a do síndico do edifício onde reside. O espaço ideativo da floresta, sem regulações, ou seja, por lá não tem um síndico, se tornou uma fuga ao espaço normativo do prédio.

A indignação contra o síndico, continua a me contar na mesma conversa, surgiu porque não foi permitida a montagem de uma barraca de acampamento na área comum do edifício, para que ele pudesse brincar. A regulação do espaço o fez revelar uma intimidade substancial, criando um espaço desprovido de controles normativos, a floresta, com a função exclusiva de fazer fluir suas brincadeiras. Se as crianças não estiverem em espaços estruturados especificamente para elas, os limites são estabelecidos a todo tempo para a manutenção do controle.

Assim, a insatisfação de Ferdinando, ao ter sua atividade censurada pelo síndico, me instigou a investigar e descrever³ a experiência geográfica de crianças ao ar livre em momentos de lazer. Parti de duas pressuposições: a primeira, Ingold (2015), quando afirma que viver a vida ao ar livre é habitar o mundo terra-céu; e a da geograficidade, ou seja, da essência da relação homem-Terra que se traduz em modos

² Como forma de preservar a identidade das crianças usarei pseudônimos para designá-las.

³ Lembro aqui Bachelard (1988) ao declarar que descrição empírica demonstra uma subserviência ao objeto, ao por o sujeito em estado de passividade. Já o fenomenólogo põe na descrição a intervenção, os eixos da intencionalidade.

de existência, pois a Terra, nessa proposição, é lugar, base e meio da realização humana na formulação de Dardel (2011). Para ambos, habitar esse mundo é perceber que somos **da** terra e não apenas estamos **nela**.

Dessa maneira, observei crianças em vivências ocorridas em espaços ao ar livre na cidade de Salvador. Relatos de duas dessas vivências estão presentes neste artigo. A partir dos enlaces teórico-metodológicos, no transcorrer da pesquisa, incluí a poético-análise proposta por Bachelard (1988) como uma tarefa por meio da qual podemos reconstruir e reimaginar a nossa infância quando criança, por meio da união memória-imaginação-poesia, permitindo situar nosso ser passado. Dessa maneira, eu (o pesquisador), imaginei e fantasiei reviver a perspectiva de quando criança, situada ao livre, para dialogar com as experiências das crianças participantes da pesquisa.

Diante das inúmeras fobias dos adultos com relação as crianças que são pais e responsáveis, foi um desafio conseguir estar próximo das crianças. A experiência humana universal da paternidade me encaminhou a relações com pessoas que também eram portadoras da experiência da paternidade ou maternidade. Assim, as crianças que integraram a narrativa desse trabalho são filhas de pessoas que conheci através da minha condição paterna ou pelo meu ofício de professor. As observações aconteceram em encontros pré-agendados com os pais das crianças e também em encontros espontâneos sem pré-agendamento.

Desse modo, me incluindo radicalmente na pesquisa como sujeito, seja como observador integrante do movimento generativo do que está acontecendo, ou através da poético-análise, além de não admitir a minha ausência no trabalho, me permitiu compreender, assim como Ingold que o conhecimento é narrativo.

Habitar lá fora: ócio e experiência geográfica de crianças ao ar livre
Leandro Pessoa Vieira

Na narrativa, os acontecimentos passados são evocados para a experiência presente, sendo que esse presente vivido não é definido a partir do passado da história e sim, também, pelo presente vivido e pela projeção futura. Por isso, passado, presente e futuro são contínuos na história contada no ato narrativo, pois

contar uma história é **relacionar**, em uma narrativa, as ocorrências do passado, trazendo-as à vida no presente vivido dos ouvintes como se estivessem acontecendo aqui e agora (INGOLD, 2015, p.236, destaques no original).

Ingold atribui ao conhecimento a qualidade de narrativo através de duas vinculações: a primeira acontece, pois “no mundo narrativo [...] as coisas não existem, elas ocorrem” (INGOLD, 2015, p.237). Por isso, o conhecimento não pode ser transmitido, pois está em um fluxo de constante construção. A segunda vinculação acontece porque o conhecimento é integrado à história no mundo. Se as coisas ocorrem, essas ocorrências se entrecruzam na medida em que cada ocorrência se torna ligada a outra. Cada ponto de cruzamento das ligações é um lugar e “é nessa ligação que o conhecimento é gerado. Conhecer alguém ou alguma coisa é conhecer sua história, e ser capaz de juntar essa história à sua” (INGOLD, 2015, p.236). Nesses entrelaçamentos de ocorrências, o conhecimento é gerado.

A geograficidade dardeliana, entendida como nossa geografia em ato, vivida por qualquer sujeito, é compartilhada a partir das narrativas, das experiências do mundo da vida manifestadas, seja oralmente ou não. O saber geográfico fenomenológico sobre a relação Homem-Terra é constituído pelas narrativas oriundas das geograficidades. E foram essas narrativas, essas geograficidades, enriquecidas pelas experiências, que busquei.

O AR LIVRE

"Há muitos lugares no mundo. Há menos tempo, porque o tempo tem que se espalhar sobre todos os lugares, como manteiga. Por isso todas as pessoas dizem "Depressa. Acelera o ritmo"."
Jack, criança de 5 anos, narrador do filme "O Quarto de Jack".

Os tempos e os espaços apertados dos adultos são transferidos também para as crianças. O funcionalismo e utilitarismo são práticas presentes nas vidas das crianças através das responsabilidades e das inúmeras atividades que são incumbidas a e desempenhada por elas. O ritmo do adulto é intoxicado pela pressa, pela necessidade de cumprir alguma tarefa. O movimento da pessoa imersa em um tempo acelerado tem como regularidade a urgência. Tudo é urgente. A relação da criança com o tempo evidencia que o ritmo da criança é diferente. O vestir uma roupa, o banho, a contemplação de um inseto (que aparentemente seja inofensivo, é claro) promove em uma criança, no caso de Flora, minha filha de três anos, evidencia uma temporalidade bem diferente da pressa que tenho para concretizar as atividades cotidianas. Observo a existência de uma vagarosidade infantil quando observo minha rotina que adjetivarei de adulta.

Os tempos, quando não ocupados com uma atividade laboral ou de aprendizagem direcionada, são adjetivados de livres, permitindo assim, o ócio. O ócio, apesar de ser associado ao tempo, é a confluência não apenas de tempos, mas de espaços livres. Espaços livres das restrições reguladoras imediatas.

As edificações construídas que correspondem às expectativas de clausura, confinamento, em nome do controle e da segurança, tais como *shopping centers* e outras áreas fechadas, não fazem parte do percurso metodológico de desenvolvimento da pesquisa. Porém, nem

Habitar lá fora: ócio e experiência geográfica de crianças ao ar livre
Leandro Pessoa Vieira

por isso, deixarei de abordar a centralidade desses espaços, sobretudo em momentos de “tempo” livre de famílias com crianças.

A importância do ar livre para a criança na cidade é manifestado há tempos. A ativista Jane Jacobs em sua clássica obra “Morte e vida de grandes cidades”, no contexto de Nova York do início da década de 1960 já salientava a importância do estar nas calçadas das ruas para a criança. Através de sua narrativa na obra é possível identificar que o cotidiano das crianças naquele período e naquela cidade ocorria, assim como hoje, por meio de uma valorização da aprendizagem com adultos, construída em aulas, atividades programadas e estruturadas. Ao enaltecer a importância das brincadeiras realizadas nas calçadas para o desenvolvimento da criança, Jacobs (2000, p.93-94, destaques acrescentados) afirma que

Boa parte da diversão das crianças ao ar livre, principalmente depois da idade escolar e de elas terem descoberto algumas atividades organizadas (esportes, artes, trabalhos manuais ou aquilo que seus interesses ou as oportunidades existentes ditarem), ocorre em horários imprevistos e deve adequar-se a isso. Grande parte da vida das crianças fora de casa desenvolve-se aos poucos. Acontece no pequeno intervalo depois do almoço. Acontece depois da escola, no momento em que as crianças podem estar pensando no que fazer e imaginando quem vai aparecer. Acontece enquanto elas esperam ser chamadas para o jantar. Acontece em breves intervalos entre o jantar e a lição de casa, ou entre a lição de casa e a hora de dormir. Nesses momentos, as crianças dispõem e utilizam de todos os meios para exercitar-se e divertir-se. Batem com os pés em poças d’água, escrevem com giz, pulam corda, patinam, jogam bolas de gude, exibem o que têm, conversam, trocam figurinhas, jogam stoopball, andam em pernas de pau, enfeitam patinetes feitos de caixa de sabão, desmontam carros de bebê velhos, sobem em grades, correm de um lado para outro. Não tem sentido ir a algum lugar formalmente para fazê-las de acordo com um plano formal. Parte de seu atrativo reside na sensação que as acompanha, de **liberdade** de vaguear para cá e para

lá nas calçadas, situação diferente de estar fechado dentro de um espaço. Se for impossível desempenhá-las informal e convenientemente, elas raramente são realizadas.

É no espaço lá fora, ao ar livre, que a proteção de pais, mães ou cuidadores escapa da previsibilidade. É o lugar onde a experiência permite novos horizontes. A experiência da aventura, do risco, dos machucados, da dor, da alegria. Mesmo sendo indesejáveis, essas são experiências do ser enquanto criança. Ao ar livre, as crianças experienciam com o mundo e não apenas o mundo. Não estou afirmando que os espaços domésticos são menos importantes. Mas não são os únicos importantes.

É no emaranhado da relação com o mundo que as múltiplas vias sensoriais se manifestam. Imersos em ambientes que promove a possibilidade de ver, escutar, tocar a uma espécie de educação da percepção ampliando corpo e mente para outras possibilidades de ser, sobretudo de ser distante do confinamento, do espaço fechado, da clausura cotidiana. São espaços da liberdade.

Preciso esclarecer que não desenvolvi uma pesquisa de base etnográfica. Não coletei dados sobre as crianças, o que elas dizem ou fazem, para posterior análise. Ao invés disso, observei a experiência geográfica das crianças e o modo pelo qual elas habitam, o que, com inspiração ingoldiana, chamo de ar livre. Além disso, busquei entender algumas implicações perceptivas, experienciais e epistemológicas nas crianças desse con-tato. Besse, ao citar as relações entre os devaneios Dardel e Bachelard, afirma que a interrogação situada no centro de uma fenomenologia da percepção é a que visa compreender o surgimento das significações no âmago do sensível, pois

a geografia fenomenológica não procura revelar aos homens os sentidos ocultos dos lugares, mas ela procura apreender como,

Habitar lá fora: ócio e experiência geográfica de crianças ao ar livre

Leandro Pessoa Vieira

no contato com os lugares, as significações “pegam”, com se diz que uma maionese “pega”, ou que uma forma nasce de repente, num fenômeno de emergência que é aparição inata de um sentido (BESSE, 2014, p.89).

Entendo que, na criança, aquilo que “pega”, no entendimento do fazer fenomenológico, surge através da afetividade, emotividade, curiosidade. Como desenvolvi uma pesquisa ao ar livre, decidi compreender essas relações afetivas, emotivas, curiosas em relação à Terra. Como diria Dardel (2011), observei as geograficidades nas crianças, ou seja, os modos de existência que foram traduzidos através da relação homem-Terra, pois a Terra, nessa proposição, é lugar, base e meio da realização humana.

Provavelmente por estarmos imersos no local onde a experiência cotidiana é mais mediada pela tecnologia, ou seja, na cidade (WASIÁK, 2017), seja pela compressão do espaço tempo, seja pelas perambulações através dos ciberespaços, ocultamos, negligenciamos ou até mesmo esquecemos da nossa existência com a Terra. Aparentemente nos damos conta da Terra quando estamos diante de aparições ou fenômenos espaciais de elevada magnitude, como estar diante de uma montanha, uma enorme catarata, ou diante de um terremoto ou queda de um meteorito na superfície terrestre, por exemplo. Em contraposição, afirmo, aliás, relembro o óbvio: o solo que compartilhamos as experiências, a base de nossa existência é a Terra. Ao observar as paisagens podemos perceber “que não há humanidade sem Terra, que o humano se realiza como tal realização com a Terra, na relação com elemento terrestre de sua condição” (BESSE, 2014, p.92).

Desse modo, acredito que, na cidade, as experiências geográficas que nos possibilitam observar a geograficidade, da qual nos fala Dardel (2011), acontecem através do estar ao ar livre. Mas afinal o que é esse “ar livre” a que estou me referindo? Essa é uma expressão banal, e por

tal condição, excluída dos nossos restritos trabalhos acadêmicos em geografia, por não terem o rigor a precisão conceitual necessárias para o saber científico hegemônico. A questão é que a ciência tem cada vez menos vida e, por isso, cada vez menos vitalidade para expressá-la.

Ingold, ao iniciar o capítulo nove do livro “Estar Vivo – ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição”, diz: “‘Estar vivo’, escreve Alphonso Lingis, ‘é aproveitar a luz, aproveitar o apoio do chão, os caminhos abertos e a fluabilidade do ar’” (INGOLD, 2015, p. 179). Por isso, Ingold argumenta “que habitar o mundo terra-céu é viver a vida ao ar livre” (INGOLD, 2015, p.154). Desse modo, Ingold (2015, p.179, destaques acrescentados) nos convida a refletir que

Em vez de pensar no mundo habitado como composto dos hemisférios mutuamente exclusivos do céu e da Terra, separados pelo chão, é preciso assistir, **como vou mostrar**, aos fluxos do vento e do tempo. Sentir o ar e andar no chão não é fazer contato tátil externo com nosso entorno, mas se misturar a ele. Nesta mistura, conforme vivemos e respiramos, o vento, luz e umidade do céu se ligam com as substâncias da Terra no contínuo forjar de um caminho através do emaranhado de linhas de vida que compõem a Terra.

Esse trabalho foi construído para apresentação no XII ENANPEGE – Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-graduação em Geografia, que aconteceu entre os dias 12 a 15 de Outubro de 2017, na cidade de Porto Alegre. Para participar do encontro e apresentar o trabalho em pleno feriado de Nossa Senhora da Aparecida, que coincide com o Dia das Crianças, a filha e a esposa me acompanharam na breve estadia pelo sul do país. Após quase 6 horas em trânsito iniciado em Salvador, ao chegarmos em Porto Alegre, dois dias antes do início do evento, deixamos a bagagem no hotel, e fomos almoçar em um restaurante próximo. Logo após, buscamos, eu e Milena, um parque

Habitar lá fora: ócio e experiência geográfica de crianças ao ar livre
Leandro Pessoa Vieira

ao ar livre para levamos Flora gastar toda sua energia confinada nos ambientes fechados dos aviões, aeroportos, carros e restaurante por onde passamos. O mais próximo era o Parque Farroupilha, conhecido popularmente como Parque Redenção. Ela correu, contemplou as flores novas, sobretudo os ipês roxos, diferentes da paisagem que está acostumada, brincou nos equipamentos destinados à diversão da criançada, navegou no pedalinho. Após um bom tempo e a degustação de um abacaxi gelado no palito, tivemos que procurar abrigo, pois começou a chover. Em seguida, os relâmpagos e trovões promoviam uma experiência luminosa e sonora, que nos deixava assustosos (sanduíche de palavras no qual somos o recheio de assustados com curiosos). O tempo “invernou” como dizemos na Bahia. E assim ficou até o fim da nossa permanência na capital gaúcha. Mesmo com a previsão do tempo já nos informando sobre as chuvas, não perdemos o ímpeto de conhecer os parques públicos da cidade. **Já em outro dia**, em uma brevíssima pausa da chuva, fomos visitar o Parque Moinho dos Ventos. Em outra pausa da precipitação, visitamos também o Jardim Botânico. Nessa visita, assim que a chuva retornou, nos protegemos no Museu de Ciências Naturais e, poucos minutos após adentramos nesse espaço, um estrondo enorme provocado por um raio, dessa vez nos deixou apenas assustados, a curiosidade perdeu lugar.

Para adaptar nossa estada em Porto Alegre, fiz uma pesquisa no Google, sobre o que fazer com crianças em dias chuvosos naquela cidade. Para minha surpresa, encontrei uma nota⁴ sobre um feriado do ano anterior com a seguinte manchete: “Nem Parque, nem Museu: feriado em Porto Alegre é no *Shopping*”. Na sequência completava:

⁴ A nota pode ser lida integralmente no seguinte endereço eletrônico: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/colunistas/paulo-germano/noticia/2017/09/nem-parque-nem-museu-feriado-em-porto-alegre-e-no-shopping-9889949.html>.

“Entre os oitos endereços mais buscados no *Google Maps* no 7 de Setembro do ano passado, sete eram de *shopping centers*”.

Apesar de observar essa prática em Salvador e ter noção de que é uma tendência nacional o uso recreativo dos *shoppings centers* nos tempos livres, ainda é chocante receber essa informação. Os endereços mais buscados na cidade no feriado de 07 de Setembro de 2016 foram para esses espaços de consumo. Podemos, ainda, supor que foi um dia chuvoso na capital gaúcha, mas, ainda assim, os museus não surgem como **opção de visita nesses períodos**. Por lá, visitamos (eu durante um dia, e Flora e Milena em dois dias) o excelente Museu de Ciência e Tecnologia (MCT) da PUCRS Porto Alegre e espaços como a Casa de Cultura Mário Quintana, que ao sairmos e retornarmos caminhando para o hotel, experienciamos pequenas pedras de gelo caindo do céu.

Por essas e outras, esse trabalho não pesquisou o ócio em espaços com paredes e tetos. Buscamos o chão, apenas. Em momentos vividos em espaços abertos. Para definir esses espaços abertos, prefiro utilizar, como vocês puderam perceber no breve relato da viagem, uma expressão comum ao nosso cotidiano: “ar livre”. Ingold afirma que “habitar o aberto é habitar um mundo-tempo no qual cada ser pode ser destinado a combinar vento, chuva, sol e terra na continuação da sua própria existência” (INGOLD, p.179, 2015).

Considero a experiência tal como Tuan (2013) que, ao resgatar a etimologia da palavra, afirma que experienciar é ir ao encontro do desconhecido, experimentando os perigos do novo. A experiência, entendida desse modo, é a inquietude geográfica da qual nos fala Dardel (2011), sobre a essência da relação Homem-Terra que se traduz nos modos de existência, tanto coletivo, quanto comunitário, ou aquilo que ele denomina geograficidade. Para ele há “um laço de parentesco que une o homem a tudo que o cerca, as árvores, os animais, e até as pedras” (DARDEL, 2011, p.49).

Habitar lá fora: ócio e experiência geográfica de crianças ao ar livre
Leandro Pessoa Vieira

Um quintal sem teto, cimentado ou não, pode ser um espaço ao “ar livre”. Um parque ou praça pública, uma praia, um espaço não estruturado no condomínio são algumas das áreas urbanas que podemos denominar ao ar livre. Um espaço que permite experimentar a chuva, a terra, os raios solares diretamente na pele, por exemplo.

Arendt (1972) assinala que a civilização moderna concebe as crianças como dependentes do adulto e sua proteção do/no mundo depende da família e das escolas. Assim, a experiência das crianças fica restrita à dimensão privada dessas instituições. A busca por espaços seguros para a criança, como a casa, o condomínio ou a escola é uma prática. Entendo que os espaços ao “ar livre” não estão seguros do perigo ou violência da vida cotidiana nas grandes cidades brasileiras, sobretudo em espaços públicos. Atropelos, assaltos, sequestros, tiroteios são os medos desse tipo de violência. O espaço urbano é hostil, sobretudo para as crianças.

Ressalto que, nessa pesquisa, o ar livre não é, necessariamente, um espaço público, e, por isso, pode estar localizado em um espaço protegido como em um condomínio ou no quintal de casa, abordamos o medo e perigos da natureza estar ao “ar livre”. Ainda assim, muitos pais não permitem determinadas experiências de seus filhos. Nos Estados Unidos existe um termo para designar os pais que limitam experiências geográficas para as crianças: *helicopter parent*. Os pais helicóptero são aqueles que ficam flutuando em torno das crianças impedindo sua autonomia na experiência espacial. Não é incomum por exemplo, observar crianças sendo seguradas em espécies de coleiras, por seus pais ou cuidadores em determinados ambientes. A hostilidade nem sempre vem do outro.

Por exemplo, qual mãe permite que o filho experimente uma garoa ou uma chuva? Qual responsável por uma criança consente que ele pise descalço na terra? Qual pai autoriza que a criança fique exposta

ao sol em determinadas horas do dia sem filtro solar? Não são muitos. A natureza, seus fenômenos ou elementos, é, por muitas vezes, vista como prejudicial. Algumas denominações que atribuímos a certos produtos, como o filtro solar, por exemplo, também chamado de protetor solar⁵ apontam para esse receio. Nesse pensamento, a natureza foi domada pela química, haja vista a necessidade do uso de filtro solar, e, por isso, ainda precisamos de cuidado.

De acordo com Ingold, “a tradição ocidental tem consistentemente classificado os sentidos da visão e da audição acima do sentido de contato com o tato” (INGOLD, 2015, p.87). Pearce afirma que há os sentidos de longo alcance, a visão e a audição, e os de curto alcance como o tato, o paladar e o olfato (PEARCE, 1982). Acrescento Pearce ao adjetivar esse longo ou curto alcance de espacial, para evidenciar a instância de referência do alcance. Se modificarmos essa instância de referência para o tempo, ao invés do espaço, os sentidos transitam em categorizações diferenciadas das que observamos com relação ao espaço.

O não estar ao ar livre faz com que sintamos a Terra de maneira menos intensa. De uma janela de casa podemos observar a chuva, os dias e as noites, até sentir e ouvir o vento, observar os relâmpagos ou ouvir os trovões. Dessa maneira, os sentidos de longo alcance são os utilizados para sentir o que acontece na Terra com mais frequência na experiência enclausurada. Ao ar livre, a experiência permite os sentidos de curto alcance espacial.

⁵ O Sol e seus raios ultravioletas emitidos são nocivos e precisamos de proteção. A energia luminosa que permite a vida é vista em sua condição nociva e precisamos nos proteger do astro que permite a vida na Terra. Aqui não estamos defendendo o não uso do filtro solar, mas apenas observando como os fenômenos ou elementos da natureza podem ser vistos como nocivos e amaneira pela qual são registrados no universo linguístico.

Ingold (2015) argumenta que o pé é um órgão extremamente sensível, ao fazer a relação quantitativa entre as terminações nervosas existentes na sola do pé. Acrescenta também que os estudos sobre a percepção háptica se dedicam quase que exclusivamente no tato manual. Para ele é em contato com o chão, ainda que mediado pelo calçado “que estamos mais fundamentalmente e continuamente ‘em contato’ com o nosso entorno” (INGOLD, 2015, p.87). Para ele, a visibilidade das mãos, em detrimento dos pés, nas abordagens sobre o tato acontece devido a significância relativa entre os pés e as mãos em sua interpretação do estudo de Darwin no qual

o bípede humano figura como uma criatura constitucionalmente dividida. A linha divisória, aproximadamente ao nível da cintura, separa as partes superior e inferior do corpo. Enquanto os pés, impelidos pela necessidade biomecânica, embasam e impulsionam o corpo **dentro** do mundo natural, as mãos estão livres para entregar os projetos inteligentes ou concepções da mente **sobre** ele: para os primeiros, a natureza é o meio através do qual o corpo se move; para o último apresenta-se como uma superfície a ser transformada (INGOLD, 2015, p.73, destaques no original).

Quem anda descalço em casa? Quem anda descalço em algum espaço que não seja a casa? Tem coragem e disposição para andar descalço em algum outro lugar que não seja a casa? Será que nossos pés também não podem ser como as mãos e nos levar a outras formas de conhecer e de agir sobre o mundo?

As gramas verdes que são colocadas normalmente como um fator paisagístico de contemplação, haja vista a quantidade de placas com os dizeres “não pise na grama”, são plantadas apenas para a visão. A experiência do tato, com os pés, pode não apenas equilibrar, como também, aterrar a nossa percepção. A contemplação também pode ser tátil.

No universo mítico, o planeta Terra é origem, afirma Dardel (2011). E a terra é o que dá a Terra, ao menos pelo que se sabe dos conhecimentos científicos atuais, a sua qualidade insular no universo: a existência da vida em quantidade. Ao evocar a etimologia do termo humano⁶, da narrativa bíblica do Gênesis e do mito australiano, Dardel (2011) sustenta que não apenas estamos na Terra/terra: somos também ela, pois “vir ao mundo é se destacar da terra, mas sem romper jamais, inteiramente, com o cordão umbilical pelo qual a terra nutre o homem” (DARDEL, 2011, p.48).

O CÉU É E ESTÁ NA VIZINHANÇA

Um céu azul. Anil? Somente o cianômetro de Humboldt poderia nos afirmar. Esse fragmento da paisagem cotidiana das pessoas que, mesmo em suas casas, escritórios, ou transitando ao ar livre, é, muitas vezes, olvidada e negligenciada nas descrições paisagísticas. Por que esquecemos de sua existência? Será o céu uma expressão visual de banalidade?

Ariel, uma menina de 11 anos, estava comigo em um parque público da cidade quando, sem diálogo prévio sobre o assunto, me questionou apontando em uma direção. “Aquilo é Terra?”. Sem compreender nem o quê e nem para onde ela estava apontando, devolvi o questionamento: “Aquilo o quê?” “Aquilo azul, o céu” me respondeu, Ariel. A pergunta complexa feita por ela me deixou silencioso por alguns instantes e meu ímpeto em tentar respondê-la foi interrompido pela condição de pesquisador, até transferir a interrogação para ela, “o que você acha? É? Ou não?” Sem dar uma solução e colocando mais dúvidas em seu próprio questionamento, Ariel diz: “Não sei, mas acho que está fora da Terra”, “então se está fora, não é Terra?” continuei a investigar,

⁶ Oriunda da palavra latina húmus que significa solo, terra.

até que ela me responde inconclusivamente: “Acho que não, não sei”. Continuamos a caminhar e conversar sobre o céu, mas farei uma pausa na descrição dessa conversa.

O questionamento de Ariel me fez retornar à leitura de “A poética do devaneio” de Gaston Bachelard (1988). No capítulo três, intitulado “Os devaneios voltados para a infância”, a infância é abordada como um tema do devaneio. Desde antes da leitura do livro, formulei, a partir de minha experiência e de observações, que entendo a infância como dimensão do humano, e não apenas como um período da vida de um sujeito, ou como a natureza das crianças. A temporalidade da infância não é rígida, e sim fluída, podendo se manifestar em qualquer momento ou ação da vida humana. A infância se refere ao lúdico, ao brincar, ações ou estados que podem ser manifestados com maior frequência nas crianças, mas não são exclusivas delas.

Acreditar que há sempre uma ruptura nítida e profunda nos aspectos que marcam a passagem de uma “fase”, enquanto criança, para a “fase” adulta, é não perceber a continuidade e a complexidade das ligações entre esses momentos da existência humana. **Não há um caráter durável da infância. Ela pode ser mantida ou despertada.**

Bachelard afirma que “as imagens da infância, imagens que uma criança pode fazer, imagens que um poeta nos diz que uma criança fez, são para nós, manifestações da infância permanente” (BACHELARD, 1988, p.95). Para pesquisar crianças e a infância que nos acompanha, pus em prática a poético-análise proposta por Bachelard (1988), como uma tarefa por meio da qual podemos reconstruir e reimaginar a nossa infância quando criança, por meio da união memória-imaginação-poesia, permitindo situar nosso ser passado.

As questões de Ariel me encaminharam a Bachelard que, por sua vez, me fez retornar os questionamentos específicos de Ariel sobre o céu. Retorno à conversa agora. Fiz o papel de professor de

Geografia que, além da pesquisa, também é um ofício. Não dei uma resposta conclusiva, mas falei para ela que temos uma camada de ar que envolve o planeta. E que essa camada gasosa era determinante para vermos o céu da forma como o vemos. Portanto, decidir sobre a externalidade ou não do céu era algo de difícil solução. Me arrependo dessa intervenção.

Ingold, em um estudo sobre os modelos mentais da Terra, concluiu que “para ver o céu você tem que estar no chão. Assim como o chão, o céu pertence ao fenomenal, e não à ordem física da realidade” (INGOLD, 2015, p. 164). É o con-tato com o chão que permite a visualização do céu. Tato e visão juntos, sem hierarquia. É no chão que percebemos sua vizinhança. A visão do céu é uma experiência de luz. Antes do passeio realizado com Ariel, não havia feito nenhuma menção ao objetivo do passeio. O céu foi a primeira menção dela ao chegar no parque. Ver o céu e o questionar sobre sua exterioridade ou não da Terra, me fez perceber espanto na experiência de Ariel e na minha experiência em observá-la. Ingold (2015, p.112) destaca o que é o espanto, o separando da surpresa, pois,

Há uma diferença entre ser surpreendido pelas coisas e espantado por elas. A surpresa é a moeda de especialistas que comerciam planos e previsões. Somos surpreendidos quando as coisas não saem como previstas, ou quando seus valores - como especialistas estão inclinados a dizer - afastam-se ‘do que se pensava anteriormente’. Somente quando um resultado é surpreendente, ou talvez, contraintuitivo, supostamente nos damos conta. O que não é surpreendente é considerado desprovido de interesse ou importância histórica. Assim, a própria história torna-se um registro de falhas de previsão. Em um mundo em devir, no entanto, até mesmo o comum, o mundano ou o intuitivo, causam espanto - o tipo de espanto que advém da valorização de cada momento, como se, naquele momento, estivéssemos encontrando o mundo pela primeira

Habitar lá fora: ócio e experiência geográfica de crianças ao ar livre
Leandro Pessoa Vieira

vez, sentindo seu pulso, maravilhando-nos com sua beleza e nos perguntando como um mundo assim é possível.

O espanto é uma maneira de participar do “existencialismo fabuloso” de que nos fala Bachelard (1988). O espanto é um caminho para o admirar. Bachelard (1988, p.113) nos diz:

para entrar nos tempos fabulosos, é preciso ser sério como uma criança sonhadora [...] tornar-se corpo e alma de um ser admirativo, substituir diante do mundo a percepção pela admiração. Admirar para receber valores do que se percebe.

Ao ar livre, a contemplação, o espanto, o admirar acontecem na experiência de uma maneira diferente da que acontece entre paredes e o teto. O céu pode ser visto da janela de casa. Possivelmente. Mas a conexão com a Terra não tem a mesma intensidade. Porque mais do que observadores, somos, também, participantes do mundo. Não à toa Tuan, afirma que, através da experiência, conhecemos e construímos a realidade (TUAN, 2013). A observação, a participação e o conhecimento integram a experiência. Participo, pois o encontro do mundo comigo se dá por intermédio dos sentidos. Conheço, pois o “conhecer é apreender um fenômeno concretizado num espaço no qual está determinado” (CHAVEIRO, 2014, p.251).

Em seu estudo sobre a vida familiar em lares com crianças, Richard Louv entrevistou uma criança que disse: “Prefiro brincar dentro de casa porque é onde há tomadas” (LOUV, 2016. p.32). Por diversos motivos, alguns dos quais citados neste trabalho, a ocupação do tempo da criança acontece em espaços fechados. Não apenas a TV, mas as recentes tecnologias voltadas para o entretenimento, tais como videogames, utilizam telas como as dos smartphones ou tablets. Nessas experiências, temos uma divisão dos campos perceptivos como nos explica Buddemeier (2010, p.8-9, destaques acrescentados):

Se ficarmos no exemplo do jogo de futebol, constataremos que a pessoa está no jogo com seus ouvidos e seus olhos. É para lá que ela também dirige sua atenção. Contudo, enquanto que o espectador que está no estádio observa o lugar do acontecimento com todos os sentidos, o espectador da tevê vivencia dois diferentes lugares visuais. Seus olhos não vêem apenas o jogo – vêem também o aparelho de tevê e a sala de estar. Seus ouvidos ouvem os brados dos torcedores, mas também captam o que acontece na sala de estar. Outros sentidos percebem apenas a situação na sala. Isto vale especialmente para o sentido do tato, sentido vital, o sentido térmico e o olfato. **A conjugação dos nossos sentidos forma a base de nossa relação com o mundo e a possibilidade de nos posicionarmos conscientemente numa situação.**

Dois campos perceptivos promovem uma intervenção nas impressões sensoriais. E elas constroem nossa realidade quando experienciada. Não estamos aqui corroborando com saudosismos, ou defendendo uma renúncia a essas tecnologias. Estamos indicando consequências dos confinamentos de crianças em espaços fechados para execução de determinadas atividades. Louv (2016) aponta que um estudo com crianças de 3 anos sobre movimento, revelou que elas ficavam fisicamente ativas durante vinte minutos ao longo do dia. Esses padrões foram obtidos em Glasgow, na Escócia e em uma zona rural da Irlanda.

Retornamos assim ao garoto do início do trabalho, Ferdinando. Tuan sustenta que o mundo das crianças é um “frágil constructo de fatos e fantasia” (TUAN, 2005, p.28) ao relatar que crianças de sete, oito anos não distinguem os sonhos dos eventos externos. No caso de Ferdinando, um pesadelo real de não poder montar sua barraca para realizar sua aventura na área externa do condomínio. Por isso, o sentido dado a sua experiência foi o de ir ter sua aventura na floresta, onde habitaria sem regulações. Sua solução foi construída a partir da

Habitar lá fora: ócio e experiência geográfica de crianças ao ar livre
Leandro Pessoa Vieira

situação. A restrição o fez devanear. Ensina-nos Bachelard: “é com o devaneio que se deve aprender a fenomenologia” (BACHELARD, 1988, p.14), e é “pela fenomenologia que a distinção entre sonho e o devaneio pode ser esclarecida, porque a intervenção possível da consciência no devaneio traz um sinal decisivo” (BACHELARD, 1988, p.11).

A situação de Ferdinando me trouxe à memória os fatos e os valores de uma situação similar a sua em que vivi aos 10 anos. Quando residia em Jaboatão dos Guararapes, município da região metropolitana do Recife, habitava com minha família em um condomínio de dois edifícios, não havia espaço para o lazer mais desejado daquela idade: o de jogar futebol. Eu, irmãos e amigos “batíamos o baba”⁷ no espaço destinado à garagem, próximo à varanda dos apartamentos. Após inúmeras reclamações de uma vizinha, ela resolveu fazer uma competição de palavras cruzadas que durou dias. O vencedor ganharia um *milk-shake*. Ganhei. Desde a época, percebi que ela queria nos fazer parar de jogar bola. Hoje, percebo que a criança é vista mais como algo a ser domesticado, para ficar quieta e não irritar os adultos. O movimento de crianças incomoda. Muitas vezes, como pai, escuto: “coloque Flora (a minha filha de três anos) na frente da TV que ela fica quietinha”. E, provavelmente, a mesma intenção da senhora das palavras cruzadas e do *milk-shake*, teve o síndico do condomínio de Ferdinando. Se não for em espaços estruturados para as crianças, que se movimentem ou fiquem estáticas no espaço privado da casa.

Esse exercício da memória estimulado pela conversa com Ferdinando, integra o método fenomenológico da poético-análise

mediante a qual o pensador hierarquiza os valores das imagens. O critério de tal hierarquização é o maravilhamento,

⁷ Nasci em Salvador, moro em Salvador e, por aqui, uma partida recreativa de futebol disputada em qualquer espaço, é chamada de baba. E a expressão mais usada para indicar que estamos desenvolvendo essa atividade é “bater o baba”

e a ressonância produzidas por elas na consciência. Não se trata apenas da contemplação ou descrição, mas de agrupamento e emergência de imagens a partir de um princípio fundador (CESAR, 2010, p.106).

A conversa com Ariel, sua fixação com o céu e sua questão sobre a exterioridade do céu em relação à Terra me fez, ao chegar em casa, questionar o que é o céu. Construindo uma imagem, pondo ela em ação, vi a imaginação, tal como Bachelard “como um fator de imprudência que nos afasta das pesadas estabilidades” (BACHELARD, 1988, p.8). E assim escrevi

Mas, afinal, o que é o céu? Poderia perguntar uma criança mais curiosa

O chão das aves;
a casa das estrelas;
o espelho do mar;
o lugar onde os prédios altos arranham;
para onde apontam os telescópios;
destino das preces;
a aventura dos aviões;
o lado oposto da terra;
meio ambiente das nuvens;
morada dos mortos “justos”;
uma das margens do rio chamado Horizonte;
jogador de objetos em uma hora inesperada e necessária;
parte de cima da boca.

Respondeu outra criança polpa sem semente, em casca de adulto.

FERTILIDADES GEOGRÁFICAS

A experiência e suas implicações sensoriais é uma ocasião ativa, na compreensão das coisas e de suas relações. É através dela que percebemos que as coisas são suas relações. A perspectiva relacional

Habitar lá fora: ócio e experiência geográfica de crianças ao ar livre
Leandro Pessoa Vieira

da existência se manifesta no encontro. Com o espaço, com o mundo, com o céu, com a pessoa, com os corpos. Somos cósmicos. Merleau-Ponty (1999, p.289, destaques no original) nos revela sua conjunção com o céu

Eu, que contemplo o azul do céu, não sou **diante** dele um sujeito acósmico, não o possuo em pensamento, não desdobro diante dele uma ideia de azul que me daria seu segredo, abandono-me a ele, enveredo-me nesse mistério, ele “se pensa em mim”, sou o próprio céu que se reúne, recolhe-se e põe-se a existir para si, minha consciência é obstruída por esse azul ilimitado. — Mas o céu não é espírito e não tem sentido algum dizer que ele existe para si? — Seguramente, o céu do geógrafo ou do astrônomo não existe para si. Mas do céu percebido ou sentido, subtendido por meu olhar que o percorre e o habita, meio de uma certa vibração vital que meu corpo adota, pode-se dizer que ele existe para si no sentido em que não é feito de partes exteriores, em que cada parte do conjunto é “sensível” àquilo que se passa em todas as outras e as “conhece dinamicamente”.

O encontro com o céu, por meio da observação, da imaginação, da memória, da poesia, corporificado, potencializa e revela a nossa cosmicidade. A participação, a influência recíproca é o que nos situa a nos abrir e a adentrar uma experiência. Posicionados, vivemos a experiência. Situados, comunicamo-as.

Na infância, a experiência transborda o impulso epistemofílico. As experiências são inundadas por inspiração e entusiasmo. Há um afloramento de aptidões essenciais à vitalidade humana como a espontaneidade, a criatividade, a curiosidade, a inventividade, a assertividade, a capacidade de desfrutar o prazer da exuberância do efêmero nas experiências que ocorrem em um estado de ânimo infantil. A experiência como graça, que nos fala Besse, ao desnudar a filosofia de Peguy, para mim, é manifestada, em maior proporção, nos estados de infância, porque

a experiência como graça reside inteiramente nessa possibilidade de se deixar afetar pelo que chega, no encontro e no abarcamento daquilo que parte de nós e daquilo que vem em direção nós. No acontecimento dotado de graça não se distingue interior e exterior. A experiência é, ao mesmo tempo, inserção súbita no grande acontecimento do mundo e descoberta da presença deste acontecimento em nós (BESSE, 2014, p.106).

Através da infância, a travessia da experiência é uma ponte que aproxima a fantasia, o imaginário, e o torna real, assim como aproxima o real para restituir a imaginação. Saber que a Terra gira em torno do Sol é uma abstração alheia à experiência de uma criança. Perceber o céu, não. É no desdobramento sensível da existência, através da experiência geográfica da superfície da Terra, aparentemente desinteressada, que se apre(e)nde o mundo. Conhecer o céu revela uma posição geográfica tanto quanto uma posição temporal: denuncia que habitamos a Terra. Habitar é ter uma residência, é se fixar. Perceber os eventos celestiais como a luz solar e sua manifestação, é se situar fixada à Terra. É constatar sua espacialidade original, pois

na fronteira entre o mundo material, onde se insere a atividade humana, e o mundo imaginário, abrindo seu conteúdo simbólico à liberdade do espírito, nós reencontramos aqui uma geografia interior, primitiva, em que a espacialidade original e a mobilidade profunda do homem designam as direções traçam os caminhos para um outro mundo (DARDEL, 2011, p.5).

A inteligibilidade de Dardel indicava o movimento multidirecional dos caminhos da imaginação em uma geografia dos devaneios. Por sua vez, Ingold (2015) afirma que as explicações de autoridade, tais como as das ciências, acreditam que revelam a essência oculta das aparências. Para ele, a experiência vivida do mundo “lá fora”, do cotidiano, é onde residem a geografia, a antropologia, a filosofia, a vida. Pois a razão não

Habitar lá fora: ócio e experiência geográfica de crianças ao ar livre
Leandro Pessoa Vieira

é exclusividade dos filósofos, como nos disse Thompson, a Geografia não é de monopólio dos geógrafos que a estudaram academicamente, como nos ensinou Dardel. É no que Ingold (2015) chama de **mundo-tempo**⁸, o lugar da vida em meio aos seus fluxos substanciais e aéreos, do chão e do ar que acontece a existência.

Ao ar livre, o estranho, o diverso, o cósmico, habita e alimenta a nossa geograficidade, na perspectiva dardeliana. Quando criança, estar presente ao ar livre é se desprender do fechado, das regulações é permitir a consciência tátil invadir o corpo, por meio do vento, da chuva, do chão, da grama, da terra.

Ao ar livre, não apenas o ar pode ser assim adjetivado, a liberdade é evocada, a fantasia é semeada, a intimidade com a Terra nutre a criatividade. Nos relatos de Ariel e de Ferdinando enxerguei a intersubjetividade, através da unidade na variedade de suas experiências e interpretações das experiências. As perspectivas em comum se referem ao despertar para o novo, ao ar livre, acessando o universo onírico. Contudo, o onirismo do devaneio é que se faz presente, pois nesse estado, a consciência toma parte do sonhado.

O conforto, o repouso do ócio, sobretudo durante a infância com idade de criança nas grandes cidades, precisa do movimento. A assimetria do enclausuramento do tempo e do espaço em relação à vida ao ar livre desequilibra, e a geografia se preenche dos espaços íntimos da casa. A casa tem sua importância, seu valor, mas não apenas ela é a nossa casa. Habitar o mundo de modo inquisitivo e sempre estar **com** e não apenas **no** mundo

Resgatar a vivência das crianças nos espaços externos é a utopia que envolve esse trabalho. É extrair a fantasia, o poético, o encantamento

⁸ Tempo no sentido dos estados e fenômenos da atmosfera. Em inglês a expressão é *weather-world*.

e a cosmicidade mítica do espaço através das experiências de habitar o aberto, de viver o livre, do encontro com o outro. E a geografia íntima é esse encontro. É, parafraseando os Novos Baianos, jogar o corpo no mundo, andar por todos os cantos e, nos encontros, deixar uns tantos e receber outros, passando aos olhos nus ou vestidos de lunetas e, transtemporalmente, ser o mistério do planeta.

É similar a maneira que Besse revela o que é a geografia originária para Dardel qualificando-a, simultaneamente, como saber, mito e arte

porque ela é uma das direções possíveis da experiência da promoção da existência humana e do mundo à linguagem. A geografia, constantemente 'solicitada entre o conhecimento e a existência', é o recinto de um duplo nascimento: despertar do homem para o mundo, despertar do mundo para o homem. Empreitada necessariamente inacabada, como toda infância recomeçada (BESSE, p.139, 2011).

Caminhar, conversar, e compartilhar experiências das infâncias, minhas e de crianças é o fundamento que busco na direção de uma geografia que dê fluidez a sensibilidade e à razão, faculdades inerentes à vida humana. É no comum, tanto quanto no insólito, que o emaranhado da poética, devaneios, maravilhamentos, encantamentos e espantos, em suas condições transtemporais e a transespaciais, convergem à uma fecundação, cada vez mais latente, de uma geografia fértil, e como toda fertilidade é da dimensão da vida, uma geografia da vida.



REFERÊNCIAS

ARENDDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. 9. Ed. São Paulo: Perspectiva, 1972.

⁹ Citando a página 97 de o "O homem e a Terra" de Eric Dardel.



Habitar lá fora: ócio e experiência geográfica de crianças ao ar livre
Leandro Pessoa Vieira

BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

BESSE, Jean-Marc. Geografia e existência a partir da obra de Eric Dardel. In: DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica**. São Paulo: Perspectiva, 2011. p. 111-139.

BESSE, Jean-Marc. **Ver a Terra: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia**. Trad. Vladimir Bartalini. São Paulo: Perspectiva, 2014.

BUDDEMEIER, Heinz. **Jogos eletrônicos e realidade virtual: desafio ao bom senso na educação**. São Paulo: Antroposófica, 2010.

CESAR, Constança. Razão hermenêutica e fenomenologia em Gaston Bachelard. In: SANT'ANNA, Catarina. **Para ler Gaston Bachelard: ciência e arte**. Salvador: EDUFBA, 2010.

CHAVEIRO, Eguimar. Corporeidade e Lugar: elos da produção da existência. In: MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Lívia. (Orgs.) **Qual o espaço do lugar?** Geografia, Epistemologia, Fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2014.

DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica**. Trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.

INGOLD, Tim. **Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição**. Petrópolis: Vozes 2015.

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

LOUV, Richard. **A última criança na natureza: resgatando nossas crianças do transtorno de déficit de natureza**. 1.ed. São Paulo: Aquariana, 2016.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. 3ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

PEARCE, Joseph Chilton. **A criança mágica: a redescoberta do plano da natureza para nossas crianças**. Rio de Janeiro: F. Alves. Trad. Cinthia Barki, 1982.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Trad. Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2013.

TUAN, Yi-Fu. **Paisagens do medo**. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: Editora da UNESP, 2005.

WASIAK, Jason. Ser-na-cidade: uma aproximação fenomenológica da experiência tecnológica. **Geograficidade**, v.7, n. 1, p. 4-20, 2017.

Submetido em Dezembro de 2017.

Revisado em Abril de 2018.

Aceito em Abril de 2018.